

Práticas pedagógicas em prevenção ao abuso de drogas: aspectos motivacionais

Fonseca, Marília Saldanha da

Veröffentlichungsversion / Published Version
Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Fonseca, M. S. d. (2009). Práticas pedagógicas em prevenção ao abuso de drogas: aspectos motivacionais. *ETD - Educação Temática Digital*, 10(esp.), 329-346. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-71344>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more Information see:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM PREVENÇÃO AO ABUSO DE DROGAS: ASPECTOS MOTIVACIONAIS

CDD: 370.71

Marília Saldanha da Fonseca

RESUMO

Pesquisas reconhecem a presença de drogas psicotrópicas nas escolas e abuso dessas substâncias entre alunos. Apontam a necessidade de melhorar a formação de professores em prevenção ao consumo de drogas. Estudos demonstram que o contexto da sala de aula e a atuação do professor são elementos determinantes para assegurar o interesse e o entusiasmo na aprendizagem. O objetivo desse trabalho foi investigar se as atuais práticas docentes são apropriadas à demanda do abuso de drogas entre estudantes. Realizou-se uma intervenção pedagógica entre professoras (23) de educação básica fundamentada no método dialético: tese, antítese e síntese. No presente estudo, o planejamento e a estruturação da intervenção tiveram como foco criar um clima que viabilizasse a motivação para aprender dos professores participantes. Os resultados mostram que a construção de um ambiente de aprendizagem estimulante está associado à motivação de quem aprende. Além disso, sugerem que as propostas inconsistentes do início da intervenção foram se redefinindo até a formulação de propostas novas e adequadas ao contexto social, evidenciando articulação de conhecimentos sobre prevenção ao uso de drogas.

PALAVRAS-CHAVE

Formação de professores; Drogas-abuso; Drogas-prevenção; Motivação

PEDAGOGICAL PRACTICES IN DRUG ABUSE PREVENTION: MOTIVATIONAL ASPECTS

ABSTRACT

The presence of psychotropic drugs and drug abuse among students at school is well acknowledged by research which also evinces the need to improve teacher's formation in drug abuse prevention. Studies demonstrate that classroom context and teacher performance are essential elements to guarantee learning interest and enthusiasm. The objective of the present study was to investigate whether the pedagogical practices of teachers are appropriate to the existing demand to deal with drug abuse among students. A pedagogical intervention was carried out with basic Education in service teachers (23), using the dialectical method (thesis, antithesis, and synthesis) as a theoretical framework. The intervention was structured and planned focusing in the promotion of the motivation to learn among the participating teachers. Results showed that the construction of a stimulating learning environment is associated with the motivation of the learner. Moreover, they suggested that teachers' inconsistent proposals in the beginning of the intervention were revised and transformed into new and more contextualized and adequate proposals, in which knowledge of drug abuse prevention was more profound and articulated.

KEYWORDS

Teacher training; Drug abuse; Drug prevention; Motivation

INTRODUÇÃO

O consumo de drogas, tanto lícitas, quanto ilícitas, vem se expandindo mundialmente e constitui, hoje, uma ameaça à estabilidade das estruturas e valores econômicos, políticos, sociais e culturais das nações. O uso e abuso de drogas afetam diferentes grupos sociais, espalhando-se, sem fronteiras, pelos diversos espaços geográficos. Acrescenta-se que essa situação está chegando a setores mais jovens da população, sendo cada vez mais frequente entre os adolescentes.

O levantamento epidemiológico realizado pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), em 2004, entre estudantes brasileiros de educação básica, comprovou a presença de álcool e outras drogas nas escolas, a existência do abuso entre alunos e uma tendência de iniciação cada vez mais precoce. (GALDURÓZ et al., 2004).

Fonseca (2006) considera que a escola é o lugar privilegiado para intervenções educacionais e, nesta circunstância, educar para prevenção apresenta-se como a melhor alternativa para o enfrentamento do consumo de drogas entre estudantes. Associar educação e prevenção é um enfoque relativamente recente, só após a Segunda Guerra Mundial a educação passou a integrar de forma mais ativa na solução do problema de abuso. Os primeiros objetivos dirigiam-se a persuadir “não às drogas”, chamando a atenção para seus efeitos e malefícios. Acreditava-se que bastariam informações negativas para afastar os jovens do consumo. A experiência mostrou a inutilidade desse objetivo, ficou constatado que as informações podem provocar curiosidades ou até mesmo justificar comportamentos anti-sociais como forma de contestação. Assim, a informação deixou de ser o alvo central dos programas de prevenção, para tornar-se um dos componentes de uma estratégia mais ampla.

Segundo Bucher (1988), o relatório da UNESCO, em 1977, orienta mudanças quanto à forma de prevenir o consumo de drogas. Seguem os pontos importantes do relatório.

1) informação sobre o uso não-médico de drogas e sobre o abuso de medicamentos, álcool e tabaco deve visar mais às condições sociais e psicológicas capazes de impedir ou reduzir o uso destas substâncias, do que as suas características químicas e médicas; 2) a informação sobre drogas deve ser centralizada na qualidade de vida; 3) é preciso uma atenção particular sobre a correlação entre uso de droga e situação de grupos submetidos a quaisquer segregações, 4) a realização de programas de prevenção deve se efetuar num clima de confiança; a aplicação de legislações muito repressivas perturba e mesmo impede a aplicação de tais programas. (BUCHER, 1988, p. 59)

A partir dessas considerações, estudos permitiram a evolução da educação preventiva. Os resultados apontaram uma abordagem afetiva que leva em conta a dimensão psicossocial do educando, com ênfase na sua personalidade. A prioridade está nos sentimentos do aluno e na necessidade de desenvolver sua percepção em relação a si mesmo. O modelo exige a adoção de estratégias participativas, instigantes, questionadoras na qual aquele que aprende é o construtor de seus conhecimentos. Na abordagem afetiva os métodos ativos são avaliados como os mais adequados para desenvolvimento de atitudes que promovam a clarificação de valores, a simulação de conflitos, a definição e solução de problemas, a tomada de decisão. As vivências dinâmicas adotadas são, por exemplo: oficina, simulação, debate, discussão, diálogo, dinâmica de grupo, jogo dramático, dramatização (GRIFFITH, 1986).

A atuação dos professores é fundamental na educação preventiva. O professor, como o profissional de formação pedagógica, psicológica, social e cultural deve ser o mais preparado para desenvolver prevenção ao abuso de drogas entre os alunos. Isso inclui, necessariamente, uma formação específica. Entretanto, em nossa experiência temos notado dificuldades em diversos níveis para implementar ações preventivas nas escolas.

Muitas vezes, os professores sentem-se perdidos, incapazes de abordar o assunto. Para Nunes e Silva (2000), há carência de oportunidades institucionais para preparar os professores a assumirem uma atividade docente com base nos temas sociais. Faltam informações, metodologia adequada, recursos pedagógicos, investimentos, rede de apoio, o que levanta dúvidas quanto à qualidade do trabalho escolar realizado. O trabalho só obterá frutos à luz das teorias da ciência.

Neste caso, podemos supor que os professores encontrem-se despreparados para assumir a necessária educação preventiva junto aos alunos e que seu fazer pedagógico mostre-se insuficiente frente aos princípios científicos da prevenção ao abuso de drogas. Questionamos: As atuais práticas pedagógicas atendem às novas demandas ao abuso de drogas? Se não, quais as possíveis alternativas mais sintonizada às reais necessidades sociais?

Em busca de respostas, realizamos uma intervenção pedagógica com professoras do ensino fundamental com objetivo de verificar se as atuais práticas docentes em educação preventiva atendem às demandas sociais do abuso de drogas entre estudantes e, se não for o caso, buscar alternativas para novas propostas ligadas ao contexto social. Sentimos necessidade de averiguar, também, o impacto da intervenção na vida profissional e pessoal das participantes da pesquisa. Até que ponto as professoras estariam interessadas a por em ação as novas práticas preventivas produzidas a partir da intervenção? Essa questão nos reporta ao estudo da motivação em ambiente de aprendizagem formal.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NA PRÁTICA DOCENTE

O Encontro Pedagógico em Prevenção ao Abuso de Drogas na Escola ocorreu em 2004, na Secretaria Municipal de Educação (SME), de uma cidade do Estado de São Paulo, com duração total de trinta horas e a participação de vinte e três professoras do ensino fundamental.

O processo metodológico da intervenção estruturou-se, na concepção do construtivismo, em que o “dado” científico do objeto de estudo não é algo que se encontre pronto ou que se evidencie por si próprio. Ao contrário, trata-se de um construto, ou seja, o conhecimento é construído a partir da realidade pensada e refletida, havendo uma relação dialética entre o sujeito cognoscente e o objeto conhecido (TURATO, 2003). Neste caso, as seguintes condições são exigidas: “de um lado a realidade dada, como ponto de objetivo de partida; de outro, a capacidade política de agir, não só no sentido de se organizar de modo competente, mas igualmente de influenciar o quadro objetivo, para torná-lo favorável” (DEMO, 1995, p.96).

Esse dinamismo se dá na aproximação entre: a) o ponto de partida, a prática concreta-*tese*, b) a compreensão da prática para sua superação-*antítese*, c) o ponto de chegada-*síntese*, que é a ação concebida, organizada e recriada em novas condições. A prática se caracteriza pelo seu traço concreto, sendo sempre uma opção da teoria que lhe é subjacente. Teoria e prática são componentes da unidade “práxis humana”, na qual a teoria é a racionalização da prática e a prática, o desenvolvimento concreto da teoria.

Na articulação teoria/prática está fundamentada o método de investigação dialético. Nesse estudo, nossa opção recai na abordagem dialética, pois, entre as metodologias investigativas, a dialética é aquela que trabalha a unidade ação / reflexão. Vale adicionar que, para Bzuneck (2009), nos processos motivacionais certas habilidades são desenvolvidas através da prática e da reflexão.

Assim sendo, delineamos os procedimentos metodológicos da pesquisa em três linhas, a saber: a) partir da realidade imediata: prática pedagógica atual das professoras participantes - *tese*, b) possibilitar às professoras uma reflexão desta prática, pela apropriação de conceitos teóricos - *antítese*; c) passar a elaboração de novas propostas com os conhecimentos construídos no processo dialético - *síntese*.

Estando determinada a metodologia da pesquisa, voltamos nossa atenção ao ambiente de aprendizagem, pois, tanto o contexto da sala de aula, quanto à atuação da docente são determinantes para assegurar o interesse e a motivação das participantes no processo de aprender: “... a motivação do aluno em sala de aula resulta de um conjunto de medidas educacionais, que são certas estratégias de ensino ou eventos sobre os quais todo professor tem amplo poder de decisão.” (BZUNECK, 2009, p.27).

A proposta pedagógica centrou-se numa visão de conhecimento construtivista e na sua forma de aplicação psicopedagógica. Construtivista porque valoriza uma aprendizagem significativa; psicopedagógica porque diferencia os conteúdos e simultaneamente os integra em uma intenção pedagógica que está sempre voltada para o crescimento do ser humano.

Elaboramos um plano de ações concretas abertas e flexíveis que permitissem ajustes a novos interesses que emergissem do grupo. Os temas de estudo foram organizados em três eixos teóricos: a) droga nas perspectivas biológica, psicológica e social; b) saúde e prevenção; c) prevenção ao abuso de drogas. Tais conteúdos orientaram-se pelos seguintes critérios:

- considerar que uma das referências fundamentais ao conhecimento é a do sujeito que conhece, no que ele tem de mais geral (sujeito epistêmico) e, simultaneamente, no que ele tem de mais particular (sujeito psicológico),
- construir a aprendizagem de forma histórico-crítica tanto em termos científicos (fatos, princípios, conceitos e procedimentos), quanto filosóficos (valores, normas, atitudes),
- apresentar interdependência, uma noção dialética e relacional. É critério fundamental para a interação sujeito-objeto, ou sujeito-sujeito. Isto implica em ser parte e todo ao mesmo tempo (MACEDO, 1999).

Sem dúvida que para o bom êxito da intervenção era imprescindível que as participantes dispusessem seus talentos pessoais para serem investidos nas tarefas propostas. Com esse fim, planejamos e estruturamos atividades que mobilizassem o grupo, incrementassem a construção coletiva e assegurassem a ocorrência de produtos de aprendizagem. As dinâmicas e vivências grupais permitiram às professoras, não só a explicitar os conteúdos da prevenção tornando-os significativos, como também, a buscar novos desafios. O material didático oferecido foi elaborado para o Encontro e constou de um polígrafo, denominado Livro das Participantes, composto de duas partes: registro para as atividades participativas e textos de reflexão. Os recursos materiais e audiovisuais deram apoio às atividades, possibilitando o interesse e o envolvimento ativo das participantes. A avaliação processual mostrou os temas que deveriam ser acrescentados ou eliminados e as novas direções a serem trilhadas.

Cabe registrar que todos os nossos os esforços educacionais na intervenção estiveram voltados para dois focos. O primeiro diz respeito a conhecer se as atuais práticas pedagógicas das professoras estavam consoantes às demandas sociais do abuso de drogas e, não sendo o caso, buscar transformar as práticas atuais em práticas inovadoras. O outro,

igualmente importante, apontava em direção à promoção e manutenção da motivação intrínseca das professoras, pois, sabe-se que,

Um indivíduo intrinsecamente motivado procura novidade, entretenimento, satisfação da curiosidade, oportunidade para exercitar novas habilidades e obter domínio. Está implícita nessa condição uma orientação pessoal para dominar tarefas desafiadoras, associadas ao prazer derivado do próprio processo (GUIMARÃES, 2009, p. 37).

INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: DESCRIÇÃO DO ENCONTRO PEDAGÓGICO EM PREVENÇÃO AO ABUSO DE DROGAS NA ESCOLA

1º. Momento – Tese

Com base em pré-pesquisa, buscamos obter um quadro demonstrativo do que acontecia na prática concreta das participantes. Para a coleta de dados foi utilizado o questionário aberto, individual - Questionário 1, que constou das seguintes questões: “ As escolas devem desenvolver ações preventivas ao abuso de drogas? Como?”

A técnica escolhida para análise e tratamento dos dados foi a Análise de Conteúdo, segundo Bardin (1995). As oitenta respostas encontradas foram agrupadas nas seguintes categorias:

a) Divulgação de Informações – (N=30; 37%),. Duas situações se apresentaram, ambas não se mostraram positivas. A primeira nos remete aos primórdios da educação preventiva, cujo núcleo do ensino compunha-se de informações relativas às drogas e seus efeitos. Uma segunda refere-se ao modelo conhecimento científico, que visa fornecer informações sobre drogas de forma imparcial e científica. Seguem respostas das participantes:

*Tendo a informação, a criança conhece melhor o que é e o que não é bom para ela.
São ações que alertam a todos sobre todos os prejuízos causados pela droga em
nossa saúde.*

b) Prática docente (N=20; 25%). Verificamos que nas respostas predominaram aspectos de base afetiva e valorativa, como os registros a seguir:

*Só através de ações educativas onde o respeito, a parceria, a solidariedade e o
reconhecimento do outro poderão prevenir e ajudar nossa clientela escolar.
Desenvolvendo ações acima de tudo que tenham como foco o resgate dos valores e a
valorização do ser humano.*

c) Planejamento educacional (N=20; 25%). As respostas sugeriram realização de programas, projetos, palestras, gincanas, filmes.

Palestras, cursos que sensibilizem os jovens.

Palestras para alunos e pais com pessoas especializadas e com bom conhecimento do assunto como professores da área, psicólogos e psiquiatras.

d) Promoção da saúde (N=3; 4%).

Além das informações registradas na pré-pesquisa, as participantes refletiram, em pequenos grupos, sobre as dificuldades do cotidiano frente à educação preventiva. Para orientar a descrição sugerimos, “descrevam (contem) suas práticas pedagógicas considerando a prevenção ao abuso de drogas...” Cabe assinalar que as respostas individuais ao questionário constituíram-se em elementos importantes por servirem de referência e orientação à reflexão e à promoção da motivação dos grupos.

A atividade seguinte foi a apresentação das reflexões dos subgrupos em plenária. As participantes socializaram as discussões compartilhando dúvidas, experiências e preocupações. Mediante estes procedimentos ficou claro que os problemas eram comuns, não individuais, e, sim, coletivos, por terem uma base comum originada na prática. Observamos que os problemas descritos, a princípio, foram sentidos e vividos pelas participantes sem a devida compreensão da suas raízes. Era preciso superar esse caráter sincrético, essa visão caótica dos problemas.

2º. Momento – Antítese

Em busca de uma compreensão crescente, tornou-se necessário explicar a razão de ser dos problemas, para isso, tomamos como mediação às diversas representações da droga. Tendo em vista fortalecer a motivação das participantes, o trabalho desenvolveu-se por atividades de cunho dinâmico - vivencial com as seguintes fases: a) aquecimento, contato inicial visando favorecer o trabalho; b) dinâmica e vivência propriamente dita, que pode ser qualquer atividade de natureza expressiva como: uma colagem, um jogo, uma montagem; c) comentários sobre as experiências pessoais do que foi sentido, percebido e vivido; d) processamento teórico, para introduzir conceitos com o apoio de textos que garantiram a fundamentação teórica.

Nas dinâmicas e vivências, adotamos a técnica da concretização, ou seja, a representação de alguma realidade por meio de objetos inanimados como forma de manifestar um conteúdo anteriormente simbolizado apenas pela palavra. As atividades propostas foram dedicadas a desmistificar a questão da droga a partir de uma abordagem biopsicossocial. Vale esclarecer que essas atividades iniciais tomaram como exemplo a experiência do trabalho educativo em prevenção ao abuso de drogas na escola, descrito por Santos (1999). Como estratégia, colocamos as participantes em contato com as possíveis representações de droga em diversas vivências para buscarmos explicações fidedignas e, então, estarmos o mais próximo possível do racional e do conceitual.

Na primeira dinâmica, solicitamos que, individualmente, representassem a droga em peças de sucata. Os objetos selecionados foram explicitados, deste modo: caixa de adoçante, *FINN de uma vida saudável*; caixa escura, *tristeza*; seringa, *usual em dependentes*, caixa de remédios, *uso indiscriminado de fármacos*; flores coloridas em caixa preta, *percurso do usuário de drogas*, canudo de papelão, *túnel sem saída* e outros.

Em outra dinâmica, o grupo foi dividido em quatro subgrupos segundo temas que lembrassem droga, tais como: curiosidade, tristeza, ojeriza e terror, prazer e fuga. A partir daí, as participantes conversaram e responderam aos temas por meio de construções em sucatas, elaboradas coletivamente. Os objetos construídos representavam, entre outros, seringas de droga injetável, caixões evidenciando mortes, cruzes simbolizando sofrimento, cor preta significando luto.

Uma das vivências tratou da classificação das drogas e seus efeitos - depressor, estimulante e perturbador, para isso usamos como metáfora melodias suave, estrondosa e dissonante. Associando as melodias ao efeito das drogas desejávamos mostrar que, tal como as melodias, os psicotrópicos causam diferentes efeitos nas pessoas. As músicas, segundos os relatos posteriores, provocaram diferentes reações: tristeza, alegria, calma, irritação, rejeição, sono, entre outras.

Novamente formamos subgrupos, cada um recebeu um conceito para discutir: dependência, tolerância, síndrome de abstinência e escalada. O passo seguinte foi traduzir o significado dos conceitos por meio de um slogan, um jingle, um verso, uma colagem, um desenho ou uma poesia. Foram montados murais com desenhos, gravuras e frases, como por exemplo:

*Não jogue sua vida fora! A escalada da droga é um muitas vezes caminho sem volta.
Síndrome da abstinência. Você está envolvido com drogas. Está na hora de mudar.
No começo não é fácil. Procure ajuda. Você terá um final feliz.*

Dependência: Pense e reflita. Por mais bonita que a droga pareça, uma hora ela mostra sua cara, então, vale a pena lutar pela vida.

Tolerância: se você usa algum tipo de droga, pense o quanto a vida é bela. Seja tolerante consigo mesmo, deixe a tolerância longe.

Tais dinâmicas e vivências foram muito ricas para nos dizer sobre os conteúdos internos e as percepções das participantes em relação às drogas. Notamos dificuldades em abordar o assunto. Era urgente, portanto, que cada participante, uma a uma, tivesse claro seu sentimento, motivação e ideologia para que pudéssemos falar com mais naturalidade sobre drogas, para ampliarmos nossos canais de comunicação. De fato, as atividades grupais construíram um ambiente de aceitação e apreciação entre nós, como afirma o seguinte depoimento, *gostei muito do relacionamento do grupo do qual ouvi relatos emocionados que fazem a gente refletir.*

Nas reflexões de cada dinâmica, em plenárias, constatamos que, em todas as situações expostas, o tema droga esteve maximizado. O luto, o medo, a tristeza faziam-se presentes, evidenciando a ligação entre droga e terror. Embora com bom suporte intelectual, as participantes explicitaram “amedrontamento”, a estratégia contra o uso de drogas que utiliza campanhas preconceituosas, sensacionalistas e exageradas para atingir o público.

Vale reafirmar a importância dos comentários socializados em plenária. Para Martins (1989), é na participação coletiva do conhecimento que o processo pedagógico se organiza. É problematizando que se efetiva a sistematização do conhecimento, enquanto teoria. À medida que se processavam as reflexões, iam sendo colocados os pressupostos teóricos que permitiam às participantes se apropriarem dos conteúdos preventivos. A incorporação da teoria fez-se por leituras críticas de textos elaborados especialmente para o Encontro em atividades dinâmicas. O material didático de apoio à discussão foi bastante

valorizado, conforme esta fala, *pude enriquecer ainda mais meus encontros pedagógicos utilizando todo esse material que me foi passado aqui*. Percebe-se aqui a importância da variável motivacional, chave da Necessidade de Pertencer, fazer parte de um grupo como fundamental para a promover e manter a motivação de qualidade em propostas pedagógicas (GUIMARÃES, 2004).

Ao mesmo tempo em que os estudos avançavam, foram-se instalando contradições entre o modo de atuar docente e os princípios da prevenção. As participantes, ao compreenderem a razão de ser das contradições de suas práticas, começam a negá-las dialeticamente, para proporem outras práticas.

O próximo passo foi explorar os conteúdos preventivos. Optamos por promover atividades pedagógicas lúdicas que exercitassem o cognitivo e o afetivo e atuassem no plano da criatividade. Segundo Arantes (1993), tais atividades são descontraídas, relaxantes e formativas já que promovem a descoberta e o fortalecimento do potencial humano. Estas vivências contemplam o pensar, o sentir e o agir de forma harmoniosa e visam eliminar a dicotomia entre mente e corpo de uma pedagogia intelectualista e convencional. Por outro lado, acreditamos ser necessário que professores, de modo geral, vivenciem novas maneiras de aprender para que possam implementá-las junto aos alunos.

Tivemos a satisfação de observar as professora compreenderem que prevenção ao abuso de drogas se faz no dia-a-dia da sala de aula, em abordagens dinâmicas e criativas. A este respeito, as participantes se manifestaram:

As atividades educativas devem ser sempre criativas e prazerosas, envolvendo dinâmicas, músicas, vivências nas quais possam ser discutidos valores e atitudes.

Aprendi o “porque” do desenvolvimento de dinâmicas voltadas ao autoconhecimento, à auto-estima, à valorização do “eu”.

3º. Momento – Síntese

Para a coleta de dados, ao término do Encontro Pedagógico, aplicamos o Questionário 2: “As escolas devem desenvolver ações preventivas ao abuso de drogas? Como?” Na análise dos resultados (BARDIN, 1995) foram registrados resultados que dizem respeito à ação pedagógica do professor, com uma incidência de (N=33; 42%). Estas opções se relacionam ao papel do professor como mediador de uma educação que visa à formação

psico-afetiva do aluno. Dois tipos de respostas foram diferenciadas: a) formação do professor - associada à atualização de conhecimentos e competências do professor em prevenção ao abuso de drogas (N= 13; 13%), b) abordagem afetiva – relacionada aos métodos didáticos ativos que propiciam vivências no campo do conhecimento ou do afeto para que o aluno possa ser mais estruturado, consciente e questionador (N=30; 29%).

Quero contribuir com a minha escola junto à elaboração e desenvolvimento de projetos, reuniões de estudo, oficinas etc. e realizar acompanhamento da proposta pedagógica da escola (formação do professor).

Deve-se propiciar atividades de autoconhecimento, valorização da vida, resgate da cidadania, o respeito, a cooperação, o amor, a conquista da autonomia (abordagem afetiva).

As participantes entenderam que a educação preventiva se faz com planejamento educacional (N=35; 33%), elemento-chave na implementação de propostas preventivas, conforme os depoimentos:

Acredito que se tenha que trabalhar com um plano, um programa, um projeto que se fundamentem no conhecimento da comunidade e em metodologias científicas.

Fazer relação entre o que se está estudando e o trabalho de prevenção. Exemplo: Ciências, discutir sobre hortaliças contaminadas por agrotóxico. Português, fazer leitura de bulas de remédios.

Constatamos, também, respostas relacionadas à promoção da saúde - educar para uma vida saudável. Esses aspectos se revelaram em 17 (16%) das opções, tais como:

Propiciar aos alunos reflexões sobre como obter melhor qualidade de vida e crescimento pessoal e social.

A escola deve promover um ambiente físico e social que facilite a saúde e a qualidade de vida.

Quanto ao papel da escola (N=06; 6%), foi avaliado que prevenção deve se associar à gestão do sistema educativo, quer no interior da escola, quer nas suas interfaces com a sociedade.

É na escola que as crianças vivem parte de seu dia, junto a outras crianças e professores.

Através de projetos de prevenção trazer para a escola a família dos alunos e a comunidade.

Finalmente, ao comparamos as propostas de práticas pedagógicas das participantes no final do Encontro com as práticas descritas no início, percebemos um salto qualitativo. A divulgação de informações de cunho alarmista foi, no primeiro momento, a solução para a questão da droga. As respostas ao Questionário 2 mostraram não existir um registro nesta categoria. As informações, agora, são componentes de uma educação afetiva de caráter global na formação do aluno, na qual são enfatizados os valores éticos, a construção do conhecimento crítico e as escolhas informadas e reflexivas.

Em relação aos momentos vividos na presente intervenção pedagógica, cabe destacar que, a prática pedagógica em prevenção ao abuso de drogas é o ponto de partida (primeiro momento) e o ponto de chegada (terceiro momento). Segundo Saviani (1997), esta prática é e não é a mesma.

É a mesma, uma vez que é ela própria que constitui ao mesmo tempo o suporte e o contexto, o pressuposto e o alvo, o fundamento e a finalidade da prática pedagógica. E não é a mesma, se considerarmos que o modo de nos situarmos em seu interior se alterou qualitativamente pela mediação da ação pedagógica. (p. 82)

Numa segunda análise comparamos as respostas da mesma participante nos dois momentos do Encontro - *tese e síntese*, ao perguntamos “As escolas devem desenvolver ações preventivas ao abuso de drogas? Como?” Esses aspectos se revelaram nas seguintes propostas:

Participante A

Resposta ao Questionário 1: Colaborando para a formação mais conscientes com o objetivo de evitar que o aluno caminhe em direção à droga.

Resposta ao Questionário 2: A escola deve buscar a interação com a família dos alunos, estimular a continuidade dos estudos, promover seu desenvolvimento global, desenvolver um trabalho de valorização do ser humano e da qualidade de vida, tendo como foco a formação do caráter. Deve inserir esse trabalho na proposta pedagógica da escola e elaborar um projeto de prevenção que inclua o tema transversal da prevenção ao abuso de drogas.

Participante B

Resposta ao Questionário 1: Mostrando a realidade e conscientizando os alunos para o mal que a droga faz.

Resposta ao Questionário 2: Como trabalho com educação infantil, não seria uma proposta de falar sobre drogas especialmente, mas, sim, atuar na afetividade, auto-estima e valorização do aluno enquanto pessoa, visando uma ação preventiva.

Participante C

Resposta ao Questionário 1: Programas educativos podem prevenir o aluno de drogas, desde que sejam programas elaborados por especialistas.

Resposta ao Questionário 2: Partindo de relatos dos alunos, notícias, um acontecimento na comunidade etc. criando condições para que o assunto venha a tona.

Participante D

Resposta ao Questionário 1: Conversando sobre o assunto de maneira que os alunos possam entender que vai ser prejudicial o uso de drogas, não para elas, como para a família.

Resposta ao Questionário 2: Conhecer a vida da criança, trabalhando sua auto-estima com jogos e brincadeiras.

Participante E

Resposta ao Questionário 1: A escola deve passar aos alunos o que é, como fica uma pessoa que se vicia.

Resposta ao Questionário 2: Os alunos devem sempre saber a verdade se questionam algo sobre o assunto drogas. O trabalho de prevenção pode ser feito através de dinâmicas em sala de aula.

No entanto, faltávamos investigar o impacto da intervenção considerando as respostas à questão: “O que representou este Encontro para seu avanço pessoal e profissional?” Para essa análise buscamos estabelecer uma relação entre aprendizagem e motivação, entendendo que uma atividade geradora de satisfação produz uma aprendizagem significativa. Para Guimarães (2009, p.38),

... estando assim motivado, o aluno opta por aquelas atividades que assinalam oportunidade para o aprimoramento de suas habilidades, [...] busca novas informações, empenha-se em organizar o novo conhecimento de acordo com seus conhecimentos prévios, além de aplicar em outros contextos.

Alguns depoimentos enfatizam o reconhecimento das professoras e sua motivação para:

Estar interessada,

Planejar ações para conhecer as necessidades de meus alunos e da comunidade, levando em consideração os fatores de risco, de proteção, vulnerabilidade e resiliência. Trabalhar a questão do abuso de drogas como tema transversal. Trabalhar com a promoção da saúde, promovendo um ambiente físico e social que facilite a qualidade de vida, promover estilo de vida que evite o abuso de drogas.

Buscar novas informações, organizar conteúdos,

Penso em realizar uma sequência de atividade para trabalhar com meus alunos. Espero ter oportunidade de estar sempre ampliando meus conhecimentos nessa área.

Eu leciono em educação infantil com alunos de 3 e 4 anos. Para fazer um trabalho de prevenção posso usar livros de história que mostra a criança como se cuidar, também através de teatro de fantoches e histórias curtas, valorizando sempre os trabalhos das crianças e dando sempre a atenção que a criança precisa.

Buscar novos desafios,

Todo o trabalho foi muito significativo, cresci como profissional e poderei acrescentar muito ao trabalho com meus alunos.

Agir de forma intencional para produzir mudanças,

Proporcionar liberdade de expressão, troca de opiniões de pontos de vista diferentes. Propor atenção aos fatores de risco e proteção ao abuso de drogas, vulnerabilidade e resiliência. Com a integração escola/família/comunidade auxiliar na construção da competência social dos educandos. Trabalhar com os temas transversais, planejar as ações pedagógicas que poderão contribuir para a aprendizagem de fatos, conceitos, atitudes e valores frente ao conteúdo que aborda a prevenção, gerar idéias novas e mudanças de paradigma, visando a construção de uma melhor qualidade de vida.

Atribuir mudanças no contexto pela sua atuação,

Pude enriquecer mais o projeto que desenvolvo na escola, inclusive antes de terminar o Encontro, já estou colocando em prática com os professores da escola e já deu resultados positivos.

Pertencer, fazer parte,

Antes desse curso, eu não tinha refletido, nem tomado consciência de minha responsabilidade diante da prevenção, como mãe, professora e cidadã. Quero ser mais um elo na continuidade da prevenção.

Foi uma oportunidade para refletir sobre o assunto e mudar minha postura nesse problema social.

Fatores interpessoais num contexto de escolhas,

Participar deste Encontro me influenciou tanto que, hoje, volto a estudar meu curso Normal Superior, após 15 anos de afastamento.

Fatores intrapessoais associados a processo afetivo,

Foi um encontro muito rico que me sensibilizou. Tenho um familiar com problemas de abuso. Durante o Encontro, tive coragem de manifestar meus sentimentos e oferecer ajuda, consegui que essa pessoa procurasse tratamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudo realizado apresentou dois aspectos igualmente importantes. Inicialmente, propor transformar dialeticamente a usual prática pedagógica em práticas preventivas concebidas e organizadas nas condições do contexto social existente. Vale assinalar que essa superação não se dá de um dia para outro. Percebermos nas propostas das professoras os avanços diferenciados de um processo gradativo em direção à transformação possível. Transformação essa, provavelmente, impulsionada pela contribuição significativa do ambiente de aprendizagem que pela proposta inovadora visou aumentar e manter a motivação intrínseca das participantes.

Sem dúvida, levar em conta a importância das variáveis motivacionais em trabalho com professoras produz efeito positivo, não só nos resultados de sua própria aprendizagem, mas também, para que elas valorizem esses aspectos com seus alunos no dia-a-dia de suas salas de aula.

REFERÊNCIAS

ARANTES, V. J. Psicologia e psicopedagogia. In: SISTO, F. F. et al. **Atuação psicológica e aprendizagem escolar**. Petrópolis: Vozes, 1996.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BUCHER, R. A abordagem preventiva. In: BUCHER, R. (Org.). **As drogas e a vida: uma abordagem biopsicossocial**. São Paulo, SP: EPU, 1988. p.55-67.

BZUNECK, J. A.. A. A motivação do aluno: aspectos introdutórios. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Org.). **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2001 p.9-36.

DEMO, P. **Metodologia científica em Ciências Sociais**. 3. ed. São Paulo, SP: Atlas, 1995.

GALDURÓZ, J. C. F et al. **V Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes do ensino fundamental e médio 27 capitais brasileiras**. São Paulo, SP: Centro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID; Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina, 2004.

GUIMARÃES, S. E. R. G. Necessidade de pertencer: um motivo humano fundamental. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Org.). **Aprendizagem**: processos psicológicos e o contexto social na escola. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. Motivação intrínseca, extrínseca e o uso em sala de aula. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Org.). **A motivação do aluno**: contribuições da Psicologia Contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2009 p.37-57.

GRIFFITH, E. A toxicomania tem muitas faces. **O Correio da UNESCO. O mosaico das drogas**. Rio de Janeiro, ano 10, n.3, p. 11, mar.1982.

FONSECA, M. S. **Prevenção ao abuso de drogas na prática pedagógica dos professores do Ensino Fundamental**. 2006. 186 fl. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2006.

MACEDO, L. Apresentação. In: COOL, C. **Psicologia e Currículo**: uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar. São Paulo, SP: Ática, 1999, p.7-21.

MARTINS, P. L. O. **Didática teórica / Didática prática**: para além do confronto. São Paulo, SP: Loyola, 1989.

NUNES, C. SILVA, E. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores Associados, 2000.

SANTOS, R. M. S. **Prevenção de drogas na escola**: uma abordagem psicodramática. Campinas: Papirus, 1997.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 31. ed. Campinas: Autores Associados, 1977.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes, 2003.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Área Temática: Ensino de Psicologia & Psicologia Educacional

Número Especial: Motivação

MARILIA SALDANHA DA FONSECA

Pedagoga pelo Centro Educacional Augusto Motta (SUAM),
Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro
(UERJ), Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas
(UNICAMP), Coordenadora Acadêmica de Cursos de Pós –
Graduação na Coordenadoria de Pós-Graduação e Pesquisa
(COPEP) do Centro Universitário de Barra Mansa (UBM).

E-mail: mariliasf@uol.com.br

Recebido em: 20/07/2009

Publicado em: 30/10/2009